

## Cartografias dos Afectos

*The move away from the singularities of “class” or “gender” as primarily conceptual and organizational categories, has resulted in a awareness of the subject positions – of race, gender, generation, institutional location, geopolitical locale, sexual orientation – that inhabit any claim to identity in the modern world. What is theoretically innovative, and politically crucial, is the need to think beyond narratives of the originary and initial subjectivities and to focus on those moments or processes that are produced in the articulation of cultural differences. These “in-between” spaces provides the terrain for elaborating strategies of selfhood – singular and communal – that initiate new signs of identity, and innovative sites of collaboration, and contestation, in the act of defining the idea of society itself.*

Homi Bhabha, *The Location of culture*

Somos sempre a partir de um lugar. Um lugar situado na intersecção de milhares de linhas, tantas quantas aquelas em que somos implicados, seja impelidos seja interessados. Pode ser um *lugar* com suas localizações físicas, genéticas, simbólicas, pode ser o lugar de alguém numa cidade como numa hierarquia social. Pode ser algo ou alguém ou algures enquanto lugar onde se cruzam toda a espécie de linhas, físicas e químicas, genéticas e sociais, étnicas e económicas, estéticas e éticas, cruzamentos que fazem dele um lugar único, pluri-contextual e pluri-contingencial, sintonizando diferentes lugares num lugar singular. Não se trata mais de uma questão de Topografia, mas antes de topologia.S.

A Geografia só poderia aí traçar mapas de um inconsciente impessoal, pré-individual, onde se moldam os nossos corpos e identidades, se determinam urbanismos e arquitecturas, penteados e formas de vestir, ruas e músicas. Onde nascemos, onde vivemos, onde morremos. Não se trata afinal da Geografia de sítios no espaço, mas de lugares onde somos também memória e sonho. Lugares a partir de onde somos o que somos, nos sítios que cruzamos. Lugares que levamos connosco na bagagem como turistas ou migrantes e os lugares que sempre encontramos ao acordar. Lugares onde somos sempre um lugar.

As Novas geografias ambicionam novas cartografias. A diferença é um salto na contemporaneidade.

O artista, despojado de velhas certezas, faz-se no seu lugar em movimento. Implicado numa multiplicidade de lugares, expressa o seu lugar, mesmo quando pretende fazer outra coisa. Ele sabe que o lugar não é o que ele vê. Mas isso ainda não faz dele um artista. A arte está aí em fazer sensível o que permanece insensível nos lugares.

A intensificação das conexões entre lugares e a deslocação massiva de lugares para outros lugares, exigem hoje, para que se façam sensíveis todas as forças neles implicadas, uma nova geometria temporizada, uma nova cartografia de afectos, novos meios, novas substancias, novas formas e novos códigos. É tudo isto que podemos encontrar em jogo no trabalho de Mónica de Miranda.

Mónica traz para um mesmo lugar uma infinidade de lugares, evocando geografias novas como quando cruza mapas e fotografias de corpos, que em si remetem para os seus lugares, onde diversas identidades co-habitam sob a sua identidade.

Nas Novas Geografias, os afectos medem as distancias. Por isso o lugar do artista está próximo do lugar familiar, do que se casa, do que tem amigos, do que participa em grupos, do que viaja, do que imigra, do que trabalha. É daí que participa na eternidade. Mónica trabalha a partir do seu lugar, do lugar dos seus, num lugar de todos, feito de uma infinidade de linhas que conectam lugares colectivos e pessoais, de novos lugares feitos de velhos lugares.

Embrenhando-se na escultura e no vídeo, no croché e na fotografia, na instalação e no graffiti, Mónica dá corpo a um lugar onde o cruzamento das linhas que nele se evocam e que o atravessam em todos os sentidos, se expressam, por sua vez, no cruzamento de meios também eles híbridos, também eles interrogando fronteiras, também eles propondo um lugar que surge do cruzamento múltiplo.

Revelando atenção aos territórios em que penetra e com quem pretende o diálogo, Mónica reconhece a proliferação das linhas insensíveis que trabalham a localização da cultura e dos corpos, da arte e da vida, e cruza-as dando a ver o lugar híbrido e plurideterminado que sempre encontramos na sua génese.

Um casamento de palhaços, o da artista, onde o sagrado e o profano co-habitam. Um auto-rádio que sintoniza músicas do mundo nas ruas de Londres, intersectando o local e o global. Mais do que extremar as dicotomias convencionais, Mónica ensaia continuamente um cruzar de fronteiras, metafóricas e reais, numa nova cartografia de afectos que dá conta de uma nova subjectividade e destes novos lugares onde se faz a nossa contemporaneidade.